



FNLIJ

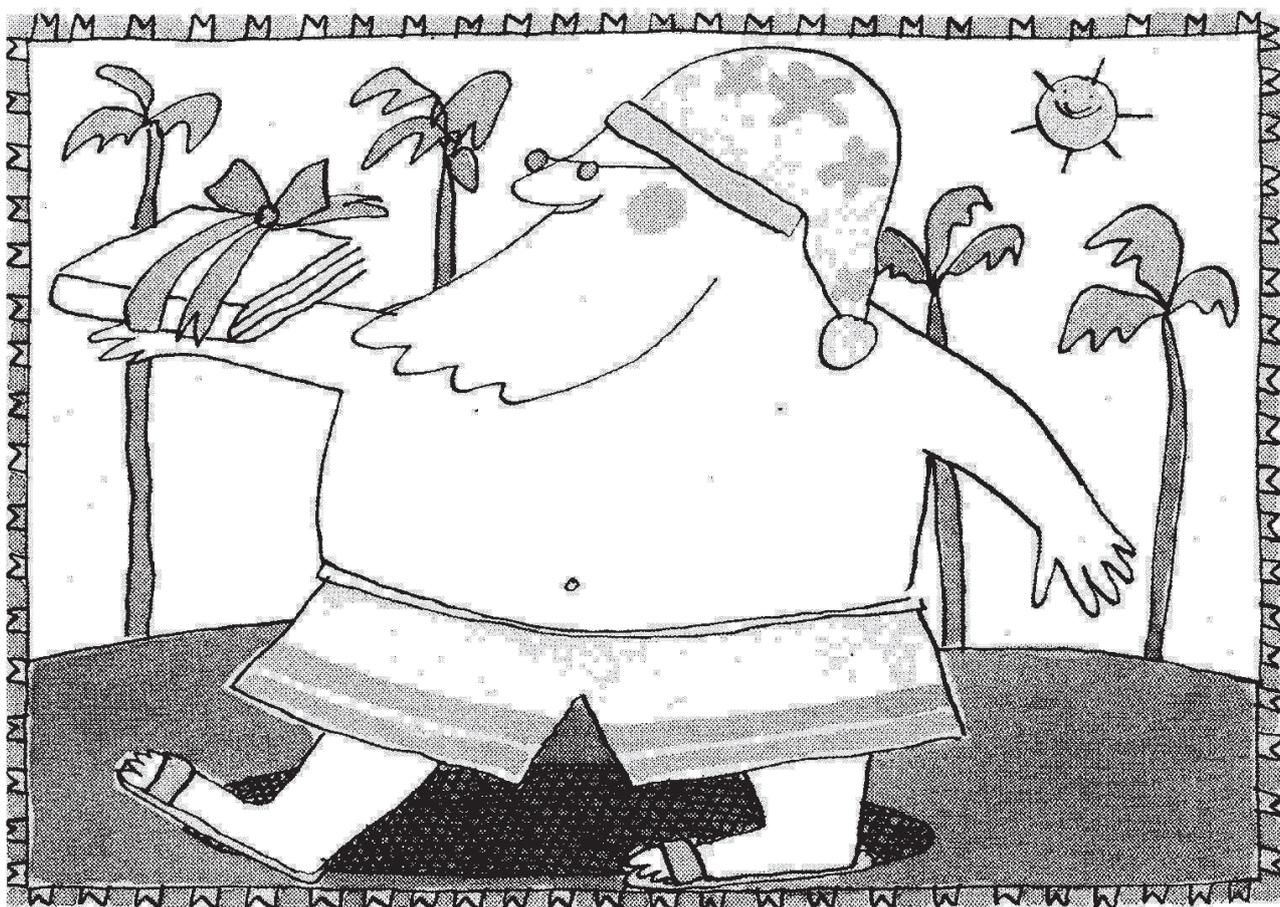
Seção Brasileira do International Board on Books for Young People **iBbY**

DESDE 1968

Notícias 12

Dezembro 2012 | www.fnlj.org.br

Natal & Leituras



Criada para cartão da editora Studio Nobel, a ilustração de Mariana Massarani foi publicada no Boletim da UNESP - Proleitura - em outubro de 1997.

Em dezembro, com a chegada das festas de final de ano é quase impossível não nos deixar envolver pelo sentimento de confraternização transmitido pelas pessoas ao nosso redor. As casas enfeitadas e a movimentação em torno do melhor presente para darmos às pessoas queridas geram uma euforia, que só acontece nessa época do ano.

Cristão ou não, independente da crença de cada indivíduo, o espírito de Natal e a expectativa de um novo ano contagiam a todos, até mesmo os que comemoram essas datas apenas pela aproximação de

estar com entes queridos.

No Brasil, ao contrário dos países do Hemisfério Norte, a estação do Natal é o verão. O nosso Papai Noel é tropical, como mostra a ilustração de Mariana Massarani.

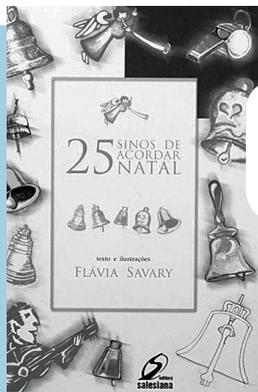
O clima festivo é misturado à alegria da garotada que comemora o fim de mais um ano letivo e o início das sonhadas férias.

Levado pelo sentimento de afetividade o presente simboliza a confraternização desses momentos que nos proporcionam boas lembranças, muitas vezes guardadas por toda vida.

Pensando nisso, a FNLIJ selecionou algumas obras para crianças e jovens, de autores brasileiros e estrangeiros, que tratam do tema natalino. A relação teve como base o acervo da FNLIJ e a disponibilidade de compra em sites de vendas. Os títulos estão separados por autores nacionais e internacionais, por ordem alfabética.

Desejamos muitos livros, boas leituras, um Feliz Natal e um próspero Ano Novo!

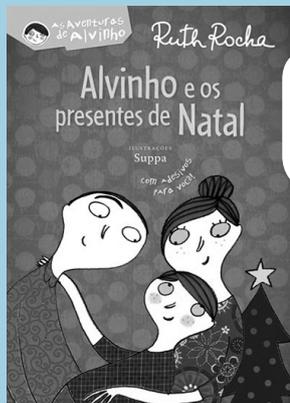




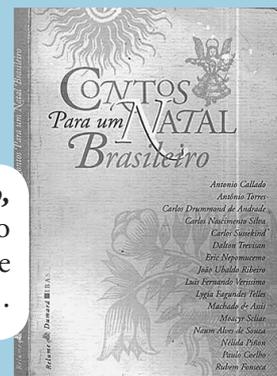
25 sinos de acordar Natal,
Texto e ilustrações de Flávia Savary,
ed. Salesiana, 2006.



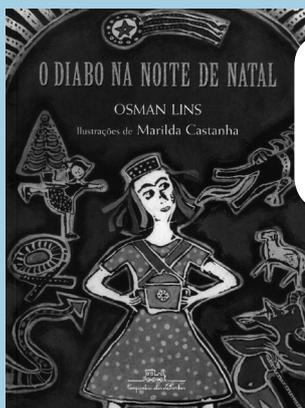
A árvore do Beto, de Ruth Rocha,
ilustrações de Mariana Massarani,
ed. Salamandra, 2010.



Alvinho e os presentes de Natal, de
Ruth Rocha, ilustrações de Suppa,
ed. Salamandra, 2010.



Contos para um Natal Brasileiro,
de Rubens Fonseca, João Ubaldo
Ribeiro, Lygia Fagundes Telles e
outros, ed. Relume Dumará, 2001.

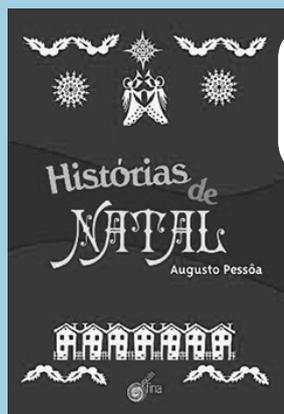


O diabo na noite de Natal, de
Osman Lins, ilustrações de Marilda
Castanha, ed. Companhia das
Letrinhas, 2005.



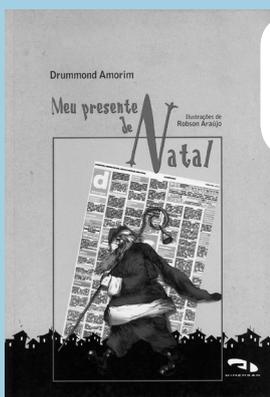
Folia de Reis, a festa em cordel,
Texto e ilustrações de Fábio
Sombra, ed. Escrita Fina, 2011.

autor/ilustrador: Fábio Sombra
bordados: Sabina Sombra
editora: ESCRITA FINA



Histórias de Natal, Texto e
ilustrações de Augusto Pessôa, ed.
Escrita Fina, 2010.

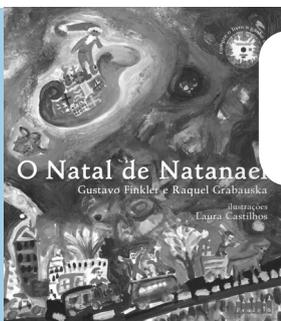
Meditação de Natal, de Hélio
Pellegrino, ilustrações de Odilon
Moraes e Maurício Paraguassu, ed.
Planeta, 2003.



Meu presente de Natal, de Drummond
Amorim, ilustrações de Robson Araújo,
ed. Dimensão, 2010.



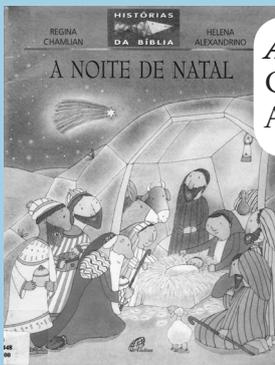
O Natal de Manuel, de Ana
Maria Machado, ilustrações de
Cecília Esteves, ed. Global, 2008.



O Natal de Natanael, de Gustavo Finkler e Raquel Grabauska, ilustrações de Laura Castilhos, ed. Projeto, 2002.



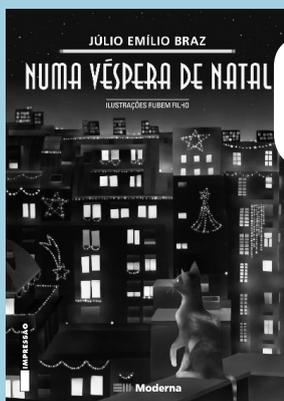
Um Natal que não termina, de Ana Maria Machado, ilustrações de Miadaira, ed. Salamandra, 2004.



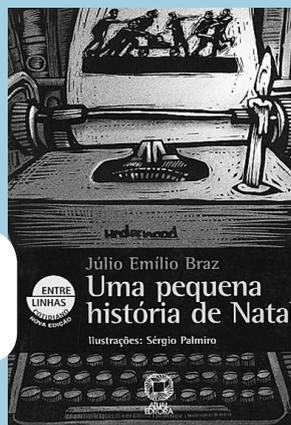
A noite de Natal, de Regina Chamlian, ilustrações de Helena Alexandrino, ed. Paulinas, 2010.



Uma noite sem igual, de Ana Maria Machado, ilustrações de Fabiana Salomão, ed. FTD, 2010;



Numa véspera de Natal, de Júlio Emílio Braz, ilustrações de Rubem Filho, ed. Moderna, 2002.



Uma pequena história de Natal, de Júlio Emílio Braz, ilustrações de Sérgio Palmiro, ed. Atual, 2004.

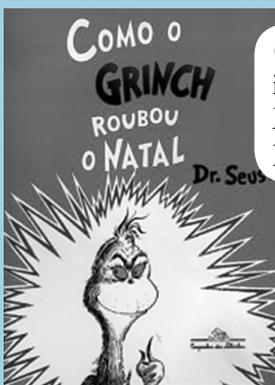


A semente do Nicolau: um conto de Natal, de Chico Alencar, ilustrações de Claudia Scatamacchia, ed. Moderna, 2002.



Sol de esperanças: Natal, histórias, poesias e símbolos, de Leonardo Boff, projeto gráfico e ilustrações de Adriana Miranda, ed. Mar de Ideias, 2007.

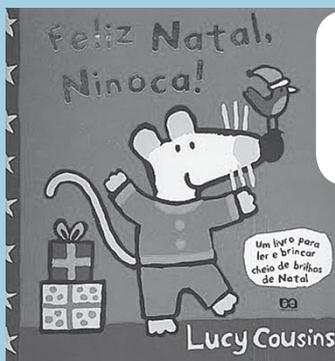
Autores estrangeiros:



Como o Grinch roubou o Natal, Texto e ilustrações de Dr. Seuss, traduzido por Gisela Moreau, Mônica Rodrigues da Costa e Lavínia Fávero, ed. Companhia das Letrinhas, 2000.



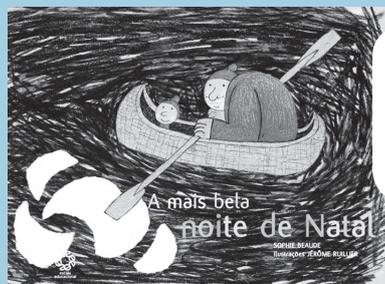
Conto de Natal de Auggie Wren, de Paul Auster, traduzido por Rubens Figueiredo, ilustrações de ISOL, ed. Companhia das Letras, 2009.



Feliz Natal, Ninoca! Texto e ilustrações de Lucy Cousins, traduzido por Maria Elza M. Teixeira, ed. Ática, 2000.



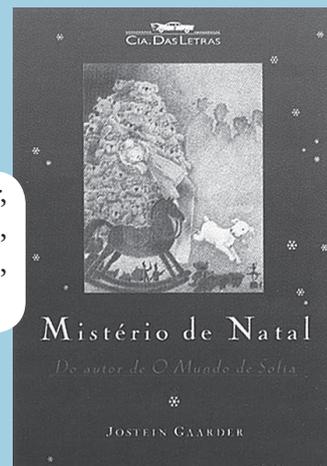
Um gato na manjedoura, Texto e ilustrações de Michael Foreman, traduzido por Lílian Jenkino, ed. Globo, 2001.



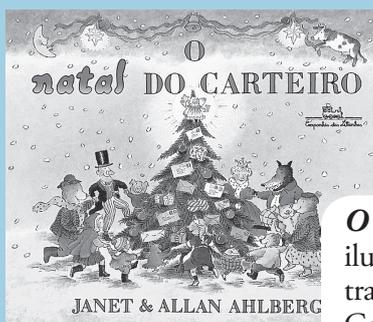
A mais bela noite de Natal, de Sophie Beade, traduzido por Irani B. Silva, ilustrações de Jérôme Ruillier, ed. Escala Educacional, 2009.



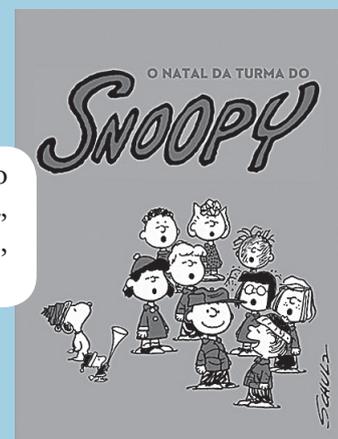
Mistérios de Natal, de Jostein Gaarder, traduzido por Isa Mara Lando e Sérgio Tellaroli, ilustrações de Cris Eich e Jean-Claude Alphen, ed. Companhia das Letras, 1998.



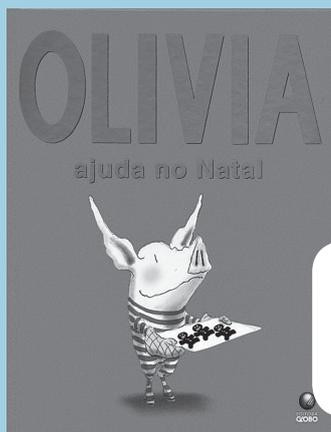
O Natal da Bruxinha, Texto e ilustrações de Lieve Baeten, traduzido por José Feres Sabino, ed. Brinquê-Book, 2010.



O Natal da turma do Snoopy, Texto e ilustrações de Charles M. Schulz, traduzido pela Intercontinental Press, ed. Cosac Naify, 2010.



O Natal do carteiro, Texto e ilustrações de Janet e Allan Ahlberg, tradução de Toni Brandão, ed. Companhia das Letrinhas, 2010.



O Natal do pequeno Nicolau, de René Goscinny, traduzido por Pedro Karp Vasquez, ilustrações de Sempé, ed. Rocco, 2011.



Olivia ajuda no Natal, Texto e ilustrações de Ian Falconer, traduzido por Deisa Chamahum Chaves, ed. Globo, 2008.



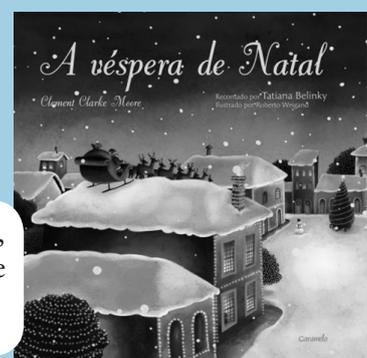
O pinheirinho de Natal, de Hans Christian Andersen, recontado por Tatiana Belinky, ilustrações de Claudia Degliuomini, ed. Caramelo, 2011.

Por que colocamos estrelas nas árvores de Natal, Texto e ilustrações de Nadia Heppell, tradução de Luciana Fiúza, ed. Aletria, 2011.

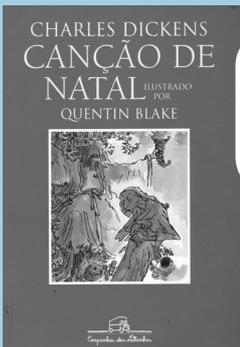


O presente de Natal, de Anne Gutman, traduzido por Antonio Guimarães, ilustrações de Georg Hallensleben, ed. Cosac Naify, 2003.

Avéspera de Natal, de Clement Clarke Moore, recontado por Tatiana Belinky, ilustrações de Roberto Weigand, ed. Caramelo, 2011.

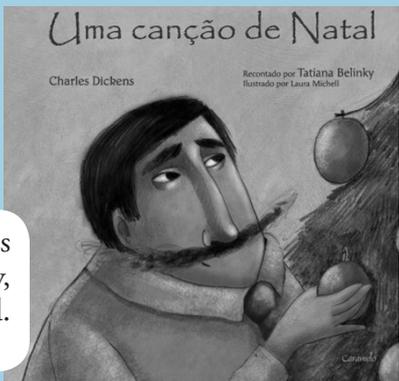


No ano em que se comemoram os 200 anos de nascimento do escritor inglês Charles Dickens (1812 – 1870), a FNLIJ selecionou cinco traduções de produções diferentes da obra *A Christmas Carol*, escrita pelo autor em 1843, tornando-se um clássico internacional.

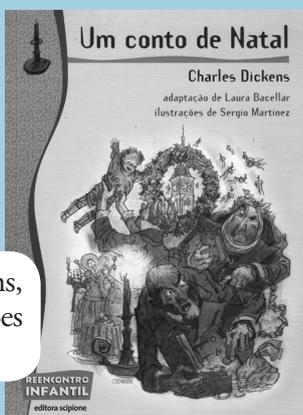


Canção de Natal, de Charles Dickens, Traduzido por Heloisa Jahn, ilustrações de Quentin Blake, ed. Companhia das Letrinhas, 1996.

Uma canção de Natal, de Charles Dickens, recontada por Tatiana Belinky, ilustrações de Laura Michell, ed. Caramelo, 2011.



Cântico de Natal, de Charles Dickens, recontado por Anne De Graaf, traduzido por Imaculada Campos Bernardes, ilustrações de José Pérez Montero, ed. Dimensão, 1997.



Um conto de Natal, de Charles Dickens, recontado por Laura Bacellar, ilustrações de Sergio Martinez, ed. Scipione, 2011.



Uma história de Natal: texto integral, de Charles Dickens, traduzido por Ana Maria Machado, ilustrações de Vinício Jota, ed. Ática, 2000.

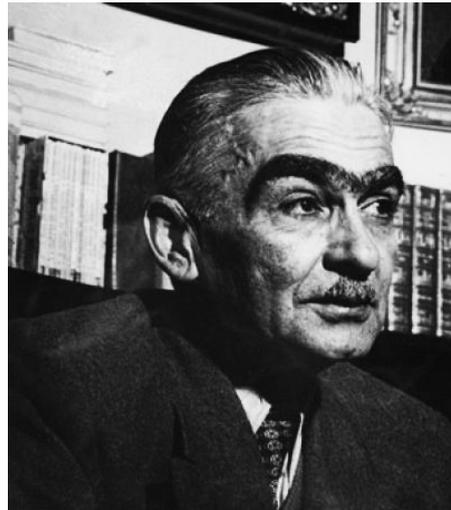
Tentativa de censura a Lobato continua

Há dois anos o universo da literatura infantil e juvenil acompanha a discussão em torno do livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, publicado em 1933, que segundo o técnico em gestão educacional Antonio Gomes da Costa Neto, contém trechos depreciativos contra os negros. O assunto voltou a ser alvo de questionamentos entre o Supremo Tribunal Federal – STF, Ministério da Educação – MEC, representantes do Instituto de Advocacia Racial e Ambiental – Iara, professores e especialistas em Literatura Infantil e Juvenil.

A audiência de conciliação marcada pelo ministro do STF, Luiz Fux para o dia 13 de setembro, no Supremo Tribunal Federal, com representantes do governo e autores da ação reacendeu a questão da discriminação contra a raça negra na obra do escritor, considerado o pai da literatura infantil e juvenil brasileira.

No dia 08 de setembro, o caderno *Prosa e Verso*, do jornal *O Globo* publicou uma matéria intitulada *Lobato no banco dos réus*, de Mariana Moreira, na qual a jornalista ouviu a curadora da obra de Lobato e responsável pela edição dos livros publicados pela Globo Livros, Márcia Camargos que afirma que o debate tem um lado bom. De acordo com a matéria, a curadora acredita ser este um momento oportuno para que a crítica literária reflita sobre os múltiplos aspectos sociais da obra de Monteiro Lobato.

A especialista em Literatura Infantil e Juvenil, Regina Zilberman, levantou a questão em torno da formação dos professores: “Os professores deveriam ser capacitados para debater não só a temática racista, mas a deficiência física, visual e outras questões da sociedade” (trecho retirado da matéria).



Relembrando o caso. Em outubro de 2010, o Conselho Nacional de Educação – CNE emitiu o parecer com a recomendação de que o livro *Caçadas de Pedrinho* deixasse de ser distribuído nas escolas públicas, por meio do Programa Nacional Biblioteca Escola – PNBE, como foi feito nos editais de 1998 e 2003.

Em janeiro de 2011, o Notícias publicou uma matéria contrária ao parecer do Conselho Nacional de Educação – CNE – encaminhando uma carta ao então ministro da Educação, Fernando Haddad, que na época não homologou o parecer devido as diversas manifestações contrárias vindas de vários setores da sociedade. Haddad pediu o reexame do documento ao CNE.

Em maio de 2011 a discussão foi retomada após o MEC anunciar que distribuiria aos professores um livro com orientações sobre a abordagem de temas como o preconceito racial em salas de aula. No mês seguinte, um segundo parecer feito pelo CNE manteve o veto à obra lobatiana. Apesar de homologado pelo chefe de gabinete do MEC na época, o autor da denúncia de racismo, representado pelo Iara, requereu um processo para a definição na justiça.

O ministro do STF, Luiz Fux apreciou em fevereiro deste ano o pedido do mandado de segurança requerido pelo denunciante e marcou uma audiência conciliatória entre o ministro da Educação, Aloizio Mercadante e representantes da Advocacia-Geral da União, do CNE e da ouvidoria da Secretaria de Políticas Raciais. Os representantes do governo não conseguiram fechar acordo com os autores da ação contra o uso do livro de Lobato, após três horas de reunião.

A última audiência de conciliação aconteceu no dia 25 de setembro, em Brasília, entre os representantes do Ministério da Educação – MEC e os membros do Iara, também sem acordo. A proposta do MEC foi de enviar notas explicativas sobre as obras do autor, sendo recusada pelo Iara, que defende a não distribuição do livro nas escolas, alegando a insuficiência da medida.

Diante do fato de não haver conciliação, a ação retorna ao STF e será julgada pelo ministro Luiz Fux. O Iara afirma que caso o resultado não seja satisfatório recorrerá às cortes internacionais, a exemplo da Organização dos Estados Iberoamericanos – OEA.

A ação gerou críticas de especialistas em Literatura Infantil e Juvenil como Marisa Lajolo e João Ceccantini, e uma carta aberta escrita pela professora Milena Ribeiro Martins, endereçada ao MEC, que posteriormente se tornou um abaixo-assinado.

O Suplemento *Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil*. Fascículo nº 44, desta edição do Notícias, traz os três textos na íntegra e o link para adesão a esse posicionamento contrário a exclusão da obra de Monteiro Lobato das salas de aula.

Ana Maria Machado ganha o Prêmio Iberoamericano SM

Este ano, Ana Maria Machado tem bons motivos para comemorar o seu aniversário no dia 24 de dezembro. A escritora foi agraciada com o VIII Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil, promovido pela Fundação SM, pelo conjunto da sua obra para crianças e jovens.

Ana Maria recebeu a notícia da premiação na Embaixada do Brasil em Roma, no dia 08 de outubro, na qual apresentava uma palestra sobre Jorge Amado. A indicação da candidatura de Ana Maria ao prêmio foi apresentada pela FNLIJ, que preparou um dossiê sobre a obra da autora. O Notícias traz ao final da matéria o documento enviado à organização da láurea.

Esta é a segunda vez que um escritor brasileiro é agraciado com o Prêmio Iberoamericano SM. Bartolomeu Campos de Queirós venceu em 2008 por indicação também da FNLIJ.

Desde 2005, o Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil é promovido pela Fundação SM, em conjunto com o Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe – CERLALC; o *International Board on Books for Young People* – IBBY; a Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI; o Escritório Regional de Educação para a América Latina e o Caribe e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco/OREALC, além da colaboração da Feira Internacional do Livro de Guadalajara – FIL, na qual ocorre a entrega do prêmio no valor de U\$ 30 mil e da bela estatueta.

Ana Maria tem outro bom motivo para comemorar o seu aniversário. A escritora, juntamente com Pilar Lacerda, diretora da Fundação SM, venceu os 162 degraus da escadaria que leva ao alto do Morro da Providência, Zona Portuária do Rio de Janeiro, para assistir a apresentação do Sarau Providencial Especial, preparado por crianças e jovens do local, especialmente para a Madrinha do Sarau. A visita aconteceu em outubro, firmando o patrocínio da Fundação SM e o apoio institucional da ABL com o projeto Sarau Providencial.

Segundo João Guerreiro, coordenador do projeto Sarau Providencial, em agosto de 2010, Ana Maria Machado ficou sensibilizada com o relato de mais uma edição do projeto, que teve início em 2008 com o objetivo de incentivar à leitura e reduzir o analfabetismo funcional de 90% das crianças que participavam do projeto. Ana então doou livros de sua autoria para serem sorteados entre os participantes, tornando-se a Madrinha do Sarau. Há dois anos o projeto possibilitou a implantação de um Espaço de Leitura, batizado de Ana Maria Machado.



Ana junto com seus leitores mirins no Espaço de Leitura que leva o seu nome, no Morro da Providência, Rio de Janeiro. Foto: Guilherme Gonçalves



Participante do projeto e leitor de Ana Maria Machado

A seguir o dossiê da obra de Ana Maria Machado preparado pela FNLIJ e enviado à Fundação SM, indicando o nome da escritora ao VIII Prêmio Iberoamericano de Literatura Infantil e Juvenil SM.

Ana Maria Machado

Ana Maria Machado nasceu em Santa Teresa, Rio de Janeiro, a 24 de dezembro de 1941. Estudou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no *MoMa* de Nova York, tendo participado de salões e exposições individuais e coletivas no país e no exterior, enquanto fazia o curso de Letras (depois de desistir do curso de Geografia). Formou-se em Letras Neolatinas, em 1964, na então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, e fez estudos de pós-graduação na UFRJ.

Deu aulas na Faculdade de Letras na UFRJ (Literatura Brasileira e Teoria Literária) e na Escola de Comunicação da UFRJ, bem como na PUC-Rio (Literatura Brasileira). Além de ensinar nos colégios Santo Inácio e Princesa Isabel, no Rio, e no Curso Alfa de preparação para o Instituto Rio Branco, também lecionou em Paris, na Sorbonne (Língua Portuguesa) e na Universidade de Berkeley, Califórnia – onde já havia sido escritora residente.

No final de 1969, depois de ser presa pelo governo militar e ter diversos amigos também detidos, deixou o Brasil e partiu para o exílio. Na bagagem para a Europa, levava cópias de algumas histórias infantis que estava escrevendo, a convite da revista *Recreio*. Lutando para sobreviver com seu filho Rodrigo ainda pequeno, trabalhou como jornalista na revista *Elle* em Paris e no Serviço Brasileiro da BBC de Londres, além de se tornar professora de Língua Portuguesa na Sorbonne. Nesse período, participou de um seletivo grupo de estudantes na *École Pratique des Hautes Études* cujo mestre era Roland Barthes, e terminou sua tese de doutorado em Linguística e Semiologia sob a sua orientação, em Paris, onde nasceu seu filho Pedro. A tese resultou no livro *Recado do Nome*, sobre a obra de Guimarães Rosa.

Como jornalista, trabalhou no *Correio da Manhã*, no *Jornal do Brasil*,

no *O Globo*, e colaborou com as revistas *Realidade*, *IstoÉ* e *Veja* e com os semanários *O Pasquim*, *Opinião e Movimento*. Durante sete anos, chefiou o jornalismo do Sistema Jornal do Brasil de Rádio. Criou e dirigiu por 18 anos, com duas sócias, a primeira livraria especializada em livros infantis do país, a *Malasartes*. Também foi editora e uma das sócias da *Quinteto Editorial*. Há 25 anos vem exercendo intensa atividade na promoção da leitura e fomento do livro, tendo dado consultorias, seminários da UNESCO em diferentes países e sido vice-presidente do IBBY.

Escondida por um pseudônimo, ganhou o prêmio João de Barro pelo livro *História Meio ao Contrário*, em 1977. Abandonou o jornalismo em 1980, para, a partir de então se dedicar ao que mais gosta: escrever seus livros, tantos os voltados para adultos como os infantis. Sua filha Luísa nasceu em 1983. Em 1993 a acadêmica se tornou *hors concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.

Nos últimos anos, tem tido uma atividade intensa na promoção da leitura tanto no Brasil como no exterior. Profundamente enraizada na cultura popular brasileira, Ana Maria Machado recria temas da tradição oral com um toque muito pessoal. Também traz assuntos diferentes para o jovem leitor, discutindo autoritarismo, meio ambiente, diferenças sociais e preconceitos, sexo, ansiedade e medo. Muitos de seus livros têm protagonistas mulheres e abordam questões tratadas do ponto de vista da mulher.

Ana Maria Machado destaca-se pelo total domínio da linguagem: seus textos são construídos com imagens claras, uso da fala coloquial, com elementos de humor e poesia. Seus livros e suas traduções mostram um profundo conhecimento da arte literária e, ao mesmo tempo, devem uma parte de

seu encanto à maestria da tradição oral de contar histórias.

Recebeu vários prêmios no país e no exterior, entre eles o Casa de Las Americas (Cuba, 1980), Personalidade Cultural (União Brasileira de Escritores, 1981), Prêmio CREFISUL de Literatura (Banco Crefisul de Investimento e Jornal de Letras, 1981), Personalidade Cultural (União Brasileira de Escritores, 1994), Prêmio Adolfo Aizen (Literatura infantil e conjunto da obra, União Brasileira dos Escritores, 1994); Prêmio Internacional José Martí, “Menção Especial” (Conjunto da Obra, Costa Rica, 1995), Prêmio Hans Christian Andersen, internacional (Conjunto da obra infantil, 2000), Prêmio Jornalista Amigo da Infância (Agência de Notícias dos Direitos da Infância, Brasília, 2001), Prêmio Machado de Assis (Conjunto da obra, Academia Brasileira de Letras, 2001), Personalidade Cultural Internacional (União Brasileira de Escritores, 2003), Prêmio Vento Forte (Teatro Infantil, 2004), Prêmio Mulher da Paz (Associação Mil Mulheres para o Nobel da Paz, Suíça, 2005), Prêmio Ibero Americano de Literatura Infantil e Juvenil - “Hors Concours” (Fundação SM, 2006), Mulher do Ano (Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, 2006), Mérito Cultural (Academia Brasileira de Filologia e Faculdade CCAA, 2007), Prêmio Lifetime Achievement Award (Miami, 2007), Prêmio de Cultura do Rio de Janeiro (2010) e Príncipe Claus (Holanda, 2010). Foi agraciada também com o Prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional, para romance, e recebeu, em alguns casos mais de uma vez, prêmios como: Jabuti, Prêmio Bienal de SP, João de Barro, APCA, Cecília Meireles, O Melhor para o Jovem, O Melhor para a Criança, Otávio de Faria, Adolfo Aizen, e menções no APPLE (Association Pour

la Promotion du Livre pour Enfants, Instituto Jean Piaget, Génève), no FÉE (Fondation Espace Enfants, Suíça) e Americas Award (Estados Unidos).

Atualmente é presidente da Academia Brasileira de Letras – ABL, na qual é membro desde 2003, Membro Honorário do IBBY, do PEN Clube do Brasil e do Seminário de Literatura da Universidade de Cambridge, na Inglaterra.

Recebeu a Ordem do Mérito Cultural, no grau de Grão-Mestre, a Medalha Tiradentes e a Grande Ordem Cultural da Colômbia. Publicou mais de 100 livros no Brasil muitos deles estão traduzidos em cerca de 20 países. Citamos algumas obras premiadas.

Abrindo o caminho - Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes – O Melhor para Criança 2003 - Hors Concours; Seleção White Ravens, Munique, 2005;

Aos quatro ventos - Prêmio Otávio de Faria - Melhor romance do ano - União Brasileira de Escritores, 1994; Finalista do prêmio Jabuti, Câmara Brasileira do Livro, 1994.

A audácia dessa mulher - Prêmio Machado de Assis, Biblioteca Nacional, 1999.

Beijos mágicos - Prêmio Espace Infant, Instituto Jean Piaget, Suíça, 1998.

Bem do seu tamanho - Prêmio Fernando Chinaglia, União Brasileira de escritores, 1979.

Bisa Bia, Bisa Bel - Prêmio Maioridade Crefisul - para originais inéditos - 1981; Melhor livro infantil do ano, Associação Paulista de Críticos de Arte, 1982; Selo de Ouro - Melhor livro juvenil do ano - FNLIJ, 1982; Prêmio Jabuti, Câmara Brasileira do Livro, 1983; Lista de Honra do IBBY, 1984; Prêmio Noroeste - Melhor livro Infantil do biênio - Bial de São Paulo, 1984; Nova Escola - Os 40 Livros Essenciais - 1996; Américas Award for Children's and Young Adult Literature, Consortium of Latin American Studies Programs (CLASP), 2003.

O canto da praça - Prêmio Bial de São Paulo - Melhor obra juvenil do biênio - 1988.

O cavaleiro do sonho: as aventuras e desventuras de Dom Quixote De La Mancha

- Prêmio FNLIJ Figueiredo Pimentel - O Melhor Livro Reconto 2006 - Hors Concours.

Como e por que ler os clássicos universais desde cedo - Prêmio FNLIJ Cecília Meireles - O Melhor Livro Teórico 2003.

Contracorrente - Prêmio ALIJA, Buenos Aires, 1999; Prêmio FNLIJ Cecília Meireles – O Melhor Livro Teórico 1999.

De carta em carta - Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes - O Melhor Livro para Criança 2003 – Hors Concours.

De fora da arca - Prêmio Cocori – para inéditos - “Menção de Honra” - Ministério da Cultura de Costa Rica, 1993; Menção especial – “Hors Concours” - para originais inéditos - União Brasileira de Escritores, 1994.

De olho nas penas - Prêmio Casa de las Américas - Literatura Brasileira - Havana/Cuba, 1981; Melhor Livro Infantil do ano, Associação Paulista de Críticos de Arte, 1981; Selo de Ouro - Melhor Livro Juvenil do ano - FNLIJ, 1981.

Duas vidas, dois destinos - Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato – A Melhor Tradução/Adaptação para Jovem 1998.

Era uma vez três - Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte, 1980.

Fiz voar o meu chapéu - Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes - O Melhor para Criança 1999, Hors Concours; Prêmio Jabuti, Câmara Brasileira do Livro, 2000.

O gato do mato e o cachorro do morro - Prêmio “Melhores do Ano”, Biblioteca Nacional da Venezuela, 1981.

História meio ao contrário - Prêmio João de Barro, Prefeitura de Belo Horizonte, 1977; Prêmio Jabuti, Câmara Brasileira do Livro, 1978; Lista “Melhores do Ano”, Fundlectura, Bogotá, 1994.

Histórias à brasileira 1: a Moura Torta - Prêmio FNLIJ Figueiredo Pimentel – O Melhor Livro Reconto 2002 - Hors Concours.

Hoje tem espetáculo - Prêmio Dramaturgia Infantil, Fundação Teatro Guaíra, Paraná, 1979.

Isso ninguém me tira - Prêmio Reconocimiento, Toluca, México, 2003.

A jararaca, a perereca, a tiririca - Prêmio Alejandro Cabassa, “Hors Concours”, União Brasileira de Escritores, 2000.

Maia - Lista de Honra do IBBY, 1982.

Menina bonita do laço de fita - Menção honrosa do Prêmio Bial de São Paulo, uma das cinco melhores obras do biênio, 1988; Biblioteca Nacional – “Melhores do Ano” – Caracas, 1995; Fundlectura - Altamente Recomendável – Bogotá/Colômbia, 1996; Prêmio ALIJA - Melhor Livro Infantil Latino-americano - Buenos Aires, 1996; Prêmio Americas - Melhores livros latinos nos EUA – 1997; Prix Octogone – França, 2004;

O menino e o maestro - Seleção White Ravens, Munique, 2007.

O menino Pedro e seu boi voador - Lista de Honra do IBBY, 1982.

Outroso: Um outro mundo - Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato – A Melhor Tradução/Adaptação para Jovem 1999.

Palavra de honra - Prêmio Alejandro Cabassa, União Brasileira de Escritores, 2006.

Palavras, palavrinhas, palavrões - Prêmio APPLE, Instituto Jean Piaget, Genebra / Suíça, 1988.

Para sempre - Prêmio - Ficção – União Brasileira de Escritores, 2002.

Peter Pan - Lista de Honra do IBBY, 1994.

Procura-se lobo - Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes – O Melhor Livro para Criança 2005 - Hors Concours.

Raul da ferrugem azul - Selo de Ouro - Melhor Livro infantil do ano - FNLIJ, 1979.

Sinais do mar - Seleção White Ravens, Munique, 2009.

Texturas - Prêmio FNLIJ Cecília Meireles – O Melhor Livro Teórico 2001.

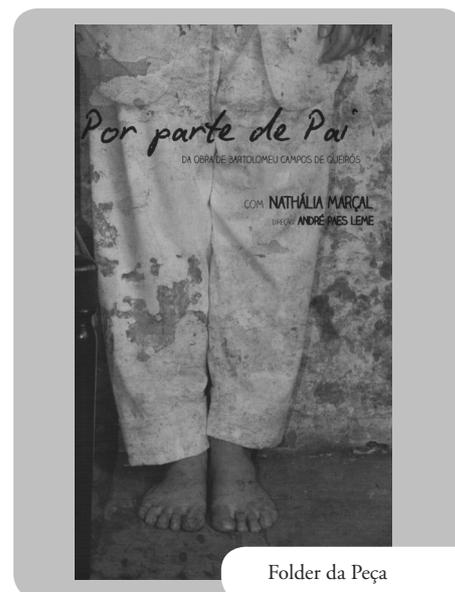
Um avião, uma viola - Prêmio Noma - Ilustração - Japão, 1982.

A peça teatral *Por Parte de Pai*

Inspirada na obra de Bartolomeu Campos de Queirós, a peça teatral *Por parte de pai*, esteve em cartaz no Teatro do Planetário da Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro, no mês de setembro após temporada em Belo Horizonte. A atriz mineira Nathália Marçal vive o papel do escritor em um cenário que reproduz a casa do avô paterno onde Bartolomeu viveu parte da sua infância. Ao final do espetáculo, dirigido por André Paes Leme, a plateia se emociona quando

ouve a gravação da voz de Bartolomeu Campos de Queirós.

Segundo a matéria de Luiz Felipe Reis, publicada no Jornal *O Globo*, dia 08 de setembro, a atriz cultivou, aos poucos, uma relação de proximidade com o autor, que faleceu antes da estreia da peça em Belo Horizonte, ocorrida em junho deste ano. “Ele (Bartolomeu) trata de amores e dores, mas a partir da lente de um menino entre seus 10 e 12 anos. A peça passa a ingenuidade de um garoto à maturidade de um escritor” diz ao repórter.



54° Prêmio Jabuti

No dia 18 de outubro, a Câmara Brasileira do Livro – CBL – anunciou os três vencedores de cada uma das 29 categorias do 54° Prêmio Jabuti 2012. Os contemplados nas categorias referentes à literatura infantil e juvenil são:

Categoria Ilustração de Livro Infantil e Juvenil:

1º lugar – *Mil e uma estrelas*, texto e ilustrações de Marilda Castanha, Edições SM (White Ravens 2012 e Altamente Recomendável FNLIJ 2012)

2º lugar – *A visita*, de Lúcia Hiratsuka, ed. DCL (Altamente Recomendável FNLIJ 2012)

3º lugar – *Carmela vai à escola*, de Adélia Prado, ilustrações de Elisabeth Teixeira, ed. Record (Altamente



Recomendável FNLIJ 2012)

Categoria Infantil:

1º lugar – *Benjamin: poemas com desenhos e músicas*, de Biagio D'Angelo, ilustrações de Thais Beltrame, ed. Melhoramentos. (Acervo Básico FNLIJ 2012)

2º lugar – *O herói imóvel*, de Rosa Amanda Strausz, ilustrações de Rui

de Oliveira, ed. Rovelte (Altamente Recomendável FNLIJ 2012)

3º lugar – *Votupira o vento doído da esquina*, de Fabrício Carpinejar, ilustrações de Elisabeth Teixeira, Edições SM. (Acervo Básico FNLIJ 2012)

Categoria Juvenil:

1º lugar – *A mocinha do Mercado Central*, de Stella Maris Rezende, ilustrações de Laurent Cardon, ed. Globo (Altamente Recomendável FNLIJ 2012)

2º lugar – *A guardiã dos segredos de família*, de Stella Maris Rezende, ilustrações de Leguy, Edições SM (Altamente Recomendável FNLIJ 2012)

3º lugar – *As memórias de Eugênia*, de Marcos Bagno, ilustrações de Miguel Bezerra, ed. Positivo



EU QUERO MINHA BIBLIOTECA CAMPAÑA PELA EFETIVIDADE DA LEI 12.244/10

TODAS AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PÚBLICAS E PRIVADAS DO BRASIL DEVERÃO POSSUIR BIBLIOTECA ATÉ 2020. ESSE AGORA É UM DIREITO GARANTIDO POR LEI.

Saiba mais em:
WWW.EUQUEROMINHABIBLIOTECA.ORG.BR

Seminário sobre Carlos Lébeis São Paulo

A convite da editora Cosac Naify, a fundadora e votante da FNLIJ, Laura Sandroni participou do Seminário sobre Carlos Lébeis – autor paulista da época do modernismo – do qual estão reeditando os livros. O evento realizou-se na Biblioteca Infantil e Juvenil Monteiro Lobato, em São Paulo, das 9 às 17h, no dia 29 de setembro. Estiveram presentes o acadêmico paulista Paulo Bonfim proferindo sobre o uso dos livros de

Lébeis em sala de aula, Kátia Canton sobre as ilustrações: Anita Malfatti e Portinari, e Laura Sandroni sobre o início de uma literatura infantil brasileira.

O texto *Cafundó da infância*, de Carlos Lébeis, permaneceu inédito por 60 anos até ser publicado pela ed. Cosac Naify em 2011 com aquarelas de Anita Malfatti. O livro foi considerado Altamente Recomendável FNLIJ 2012 – produção 2011 – na categoria criança.

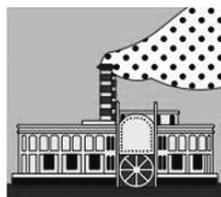


Laura Sandroni

8º Prêmio Barco a Vapor

No dia 17 de setembro no Museu da Imagem e do Som aconteceu a cerimônia de premiação ao vencedor do 8º Prêmio Barco a Vapor de literatura infantil e juvenil 2012, promovido pela Fundação SM. O evento celebrou o Ano do bicentenário de *Contos da infância e do lar*, de Jacob e Wilhelm Grimm – Irmãos Grimm – e homenageou a escritora Ana Maria Machado.

Há mais de 30 anos o prêmio é promovido pela Fundação SM, na Espanha e acontece em todos os países em que o Grupo SM está presente. A oitava edição brasileira contou com mais de 600 inscritos e o vencedor foi Marcílio Godói, com a obra *A inacreditável história do diminuto Sr. Minúsculo*, sendo o primeiro paulista a ser agraciado com o Prêmio Barco a Vapor de literatura infantil e juvenil.



8º Prêmio Barco a Vapor de literatura infantil e juvenil 2012

Durante a cerimônia, Ana Maria Machado participou de um bate-papo com o mestre de cerimônia, Cadão Volpato e foi aplaudida de pé pelos presentes. Ana contou que foi influenciada pelos contos de fadas, contados por sua avó, e que decidiu ser escritora em tempo integral em 1979,

após a anistia. “Eu chefiava uma rádio, e vi que não precisava mais ficar desviando da censura” brincou a autora. Quando Cadão perguntou, afinal, de onde ela tirava suas ideias, ela respondeu com a clara simplicidade que lhe é característica: “Da cabeça. A questão não é como elas saem de lá, é como elas entram lá.”

A palavra e o traço na literatura infantil

A dupla de ilustradores Ziraldo e Roger Mello participou do debate *A palavra e o traço na literatura infantil*, mediado pela jornalista Mânica Millen, na Biblioteca Popular de Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, no dia 26 de setembro.

O encontro fez parte da série de debates Estação pensamento e arte, realizado pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.



Ziraldo



Roger Mello

MANTENEDORES DA FNLIJ

A Girafa Editora Ltda; Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofício Editora Ltda; Autêntica Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Edit. e Dist. Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Cosac Naify Edições Ltda; DCL - Difusão Cultural do Livro Ltda; Edelbra Ind. Gráfica e Editora Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Fundação Peirópolis Ltda; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Alexandria Ltda; Editora Nova Fronteira S/A; Editora Objetiva Ltda; Editora Original Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Prumo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Shwarcz Ltda; Elementar Publicações e Editora Ltda; Fundação Cultural Casa de Lygia Bojunga Ltda; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Gráfica Editora Stampa Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Imperial Novo Milênio Gráfica e Editora Ltda; Inst. Bras de Edições Pedagógicas -IBEP (RIO); Instituto Cultural Aletria Ltda; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Larousse do Brasil Participações Ltda; Livraria Martins Fontes Editora Ltda; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Livros Studio Nobel Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Noovha América Editora Distrib. de Livro Ltda; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Paulinas - Pia Soc. Filhas de São Paulo; Paulus - Pia Soc. de São Paulo; Pinakothek Artes Ltda; Publibook Livros Papeis S/A - L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e comércio de Livros; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva S/A Livreiros Editores Ltda; Sindicato Nacional dos Editores de Livros - SNEL; Texto Editores Ltda; Uni Duni Editora de Livros Ltda; Universo dos Livros Editora Ltda; Verus Editora Ltda.

EXPEDIENTE - **Editor:** Elizabeth D'Angelo Serra • **Jornalista:** Claudia Duarte • **Diagramação:** Horacio Costa Design • **Revisão:** Anna Paula Ribeiro da Costa • **Fotolito e Impressão:** PwC • **Gestão:** FNLIJ 2011-2014 • **Conselho Curador:** Alfredo Gonçalves, Laura Sandroni, Silvia Negreiros, Suzana Sanson e Wander Soares. **Conselho Diretor:** Ana Ligia Medeiros, Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba. **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Terezinha Saraiva. **Suplentes:** Anna Maria Rennhack e Jorge Carneiro. **Conselho Consultivo:** Alfredo Weiszflog, Annete Baldi, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Paulo Rocco, Regina Lemos e Silvia Gandelman • **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e receba mensalmente o Notícias, em versão impressa.

telefone: 21 2262-9130
e-mail: fnlij@fnlij.org.br

www.fnlij.org.br

APOIO



Rua da Imprensa, 16 - 12º andar cep: 20030-120 Rio de Janeiro - Brasil Tel.: (0XX)-21-2262-9130 Fax: (0XX)-21-2240-6649 E-mail: fnlij@fnlij.org.br

IMPRESSO

Especialistas criticam exclusão da obra de Monteiro Lobato

Especialistas em Literatura Infantil e Juvenil como Marisa Lajolo e João Ceccantini saíram em defesa da permanência do livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato nas salas de aula concedendo entrevistas sobre o caso a revistas de veiculação nacional, como a Carta Capital e Veja. Assim como a professora Milena Ribeiro Martins que escreveu uma carta endereçada ao MEC, que se tornou um abaixo-assinado contra a ação movida pelo Iara pedindo a retirada da obra do PNBE. O Notícias traz para o leitor (a) as duas entrevistas e a carta, todas na íntegra.

Entrevista de Marisa Lajolo à Carta Capital nº 716, publicada em 21/9/2012, da qual a edição da revista aproveitou trechos. Marisa Lajolo é doutora em Letras e professora titular do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp.

Carta Capital - Alguns dizem que censurar o livro de Lobato (em discussão por aqui nos últimos dois anos) é uma forma de recalcar o racismo ao invés de enfrentá-lo. Seria essa uma forma de combater o racismo apenas no âmbito simbólico, uma forma de a sociedade lavar as mãos censurando um livro enquanto deveria investir na promoção de igualdade social concreta (via políticas públicas)? A senhora concorda?

Marisa Lajolo - Discutir as denúncias relativas a *Caçadas de Pedrinho* me parece uma boa chance de se discutir leitura no Brasil. Respeito quem acha que a obra é racista, mas também espero que respeitem opiniões contrárias. Em matéria de interpretação de arte não acredito em verdades absolutas. Capitu traiu ou não traiu Bentinho? Bentinho tinha ou não um caso com Escobar? Os deuses mitológicos presentes em *Os Lusíadas* ofendem o cristianismo? A questão é contemporaneíssima: a arte pode ironizar valores religiosos? Tais questões não se resolvem com leis, resolvem-se com diálogo e com qualidade de educação, para o que são necessários professores bem formados e bem remunerados.

CC- O que deve ser feito com uma literatura com traços preconceituosos,

no caso, racistas? Ela deve ser modificada como objeto-documento, preservada na íntegra, oferecida com ressalvas? Como lidar com casos como *Huckleberry Finn* e *Caçadas de Pedrinho*?

ML - Deve ser preservada na íntegra. Se acreditamos - como acredito - que livros articulam-se intimamente ao momento social em que foram escritos, alterar textos - ainda que com as melhores intenções - é muito ruim. É como retocar uma fotografia para "corrigir" o passado. A Rússia Stanilista fez isso, "apagando" Trotsky de inúmeras fotos. Conheço a edição de *Huckleberry Finn* em que a palavra "nigger" foi substituída pela palavra "slave". Pergunto que diferença de sentido a substituição da palavra acarreta.

CC - Ao contrário de Twain, que era um defensor da igualdade racial, um antirracista notório, Monteiro Lobato é reconhecidamente um autor com tintas racistas - para alguns, era um eugenista. Isso faria do livro uma situação distinta da de Twain?

ML - Minha opinião é diferente. Não acho que a posição assumida pelo narrador lobatiano manifesta atitudes que possam ser consideradas "racistas", isto é, não creio que a obra literária lobatiana expresse ou propague atitudes de agressão e de desamor a negros.

CC - Em todo o mundo, tais demandas tendem a ser aceitas e as obras, modificadas ou ao menos vendidas com uma ressalva. O Brasil está tentando se inserir nesse



DESDE 1968

Notícias

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 44

cenário globalizado, em respeito a legislações e acordos internacionais dos quais faz parte?

ML – Não acho que seja universal (“em todo mundo”) a tendência a “corrigir” obras literárias. Mas mesmo que fosse – judeus e prostitutas excluídos da obra de Shakespeare, escravos negros expulsos da Bíblia e das mil e uma noites, homossexuais banidos da obra de Dante – eu seria contra. Também discordo de incluir “ressalvas” (como notas de rodapé, anotações & similares) em livros. Elas manifestam uma vontade disfarçada de “gerenciar” a leitura, impondo certos significados (e proscrevendo outros) aos leitores.

ML - Mas as atuais – e a meu ver equivocadas – denúncias ao racismo de Lobato são uma boa chance para uma pesquisa sobre leitura: crianças e jovens que leem *Caçadas de Pedrinho*, ou outras obras infantis lobatianas opinam que o livro incentiva atitudes racistas? Leitores afro-descendentes sentem-se ofendidos quando leem as histórias do sítio? Que tipo de cidadão forma a frase final de *Caçadas de Pedrinho*, na qual tia Nastácia, tomando o lugar de Dona Benta em um carrinho proclama: - Agora chegou minha vez. Negro também é gente, sinhá... (p.71). Será que a voz da própria tia Nastácia, no livro, não é mais convincente do que rodapés e advertências?

.....
.....

Entrevista de João Ceccantini à Revista Veja, publicada em 01/10/12. Ceccantini é professor de Literatura Brasileira da UNESP – Campus de Assis e integra o grupo de leitores-votantes do Prêmio FNLIJ.

Censurar Monteiro Lobato é analfabetismo histórico

Estudioso chama de absurda tentativa de proibir livros do autor, acusado de racismo, e diz que crianças sabem absorver o que histórias têm de melhor.

Revista Veja - O que o senhor acha da tentativa de banir a obra de Monteiro Lobato das escolas públicas? Trata-se de analfabetismo histórico, que despreza o tempo em que determinadas obras foram escritas. Querer censurar ou modificar em algum grau uma obra cultural é um absurdo. Deve-se ainda observar outra questão: temos de fato uma educação tão deficitária a ponto de os professores serem incapazes de ajudar os alunos a interpretar passagens que eventualmente façam uso de uma linguagem que já não é mais aceita? Por que não usar esse pretexto para discutir em sala de aula o racismo? É uma grande oportunidade.

João Ceccantini - O senhor tem um trabalho extenso na área de literatura infantil e acompanha de perto o envolvimento das crianças com a leitura. De que maneira elas são influenciadas pelo que leem? Em primeiro lugar, a ficção não tem esse poder todo que a gente imagina. A transferência dos exemplos não é tão automática assim. Em resumo: o fato de eu ler uma história de ficção não significa que vou sair por aí reproduzindo um comportamento da ficção. Se fosse assim, bastava escrever livros com histórias

boas e puras para que construíssemos uma sociedade perfeita. Mesmo com a criança, essa transferência não é automática. Eu tenho estudado a forma pela qual as crianças absorvem o que leem e minha conclusão é que elas sabem identificar os excessos dos livros, elas se apegam ao que é bom, à essência da história – e, no caso de Lobato, essa essência não é racista. As crianças entendem que a passagem “macaca de carvão” não faz discriminação com Tia Nastácia, porque essa não é a essência do livro. Ao contrário do que possa parecer, a criança é seletiva. Mais seletiva do que muitos críticos.

RV - Tia Nastácia é retratada ao longo da obra de Lobato de forma bastante positiva. Não é exagero acusar o autor de racismo nesse caso? Sem dúvida. Tia Nastácia é tratada de forma muito amorosa em toda a obra de Lobato. Existem milhares de citações afetivas em relação à personagem, que tem uma função crucial na vida dos demais personagens: eles recorrem a ela em busca de conselho, de carinho. Devemos observar ainda que Lobato usa Tia Nastácia como pretexto para criticar a superstição, a religiosidade e o excesso de crença no sobrenatural. Mas não há nenhum traço de ódio racial nessas passagens.

JC - Cartas de Lobato reveladas recentemente mostram a simpatia do autor por teses da eugenia (corrente que defendeu o aperfeiçoamento da espécie por meio da seleção genética e controle da reprodução). Isso deve de alguma forma permear a análise que se faz da obra do autor? Lobato foi, acima de tudo, um humanista. Ele lutou pela igualdade, pela democracia e não há um só episódio que o ligue a corrupção em alguma esfera. E ele sofreu muito por isso. Decepcionado com os rumos que o país tomava já naquela época, ele foi um crítico ferrenho do Brasil. Em relação às cartas, não podemos esquecer que todos nós somos frutos da época em que vivemos. Os pensamentos que ele expressou nos seus textos eram muito comuns naquela época, como a eugenia. Outros escritores que eram celebridades naquele tempo tinham ideias semelhantes, mas eles não sobreviveram ao tempo. Portanto, pintar Monteiro Lobato como racista é um erro.

RV - O senhor já tinha assistido a discussões semelhantes sobre as obras de Lobato? Nenhuma controvérsia envolvendo Lobato é novidade para mim. Ele era uma figura extremamente complexa, e isso faz dele um alvo fácil. Aconteceu em diversos momentos da história. Não se pode perder de vista que estamos falando de um dos maiores escritores brasileiros: se tivesse escrito em inglês, seria um dos maiores de sua época. Sua literatura infantil é de uma riqueza incomparável. Mas, como eu disse, ele é um fruto de seu tempo, como todos nós, aliás. Se sua obra ajudar a discutir o racismo, então vamos discutir – não censurar.

JC - Há casos semelhantes de tentativas de censura na literatura infantil? O caso mais notável é o do autor americano Mark Twain (de cuja obra tentou-se suprimir o termo “nigger”, considerado racista em inglês). Mas acredito que tudo isso tem um lado positivo. A literatura costuma circular entre grupos muito pequenos: quando a

democracia se fortalece e o nível de letramento da população cresce, temas como esse vêm à tona. O que não pode haver é uma caça às bruxas. Se formos censurar tudo, comecemos por Homero, na Antiguidade: ninguém saíra ileso.

RV - Qual o prejuízo de suprimir palavras ou reescrever trechos de uma obra literária? Reescrever a história é uma das coisas mais nefastas que pode haver.

JC - Uma das propostas do instituto que tenta proibir a distribuição de *Caçadas de Pedrinho* é enviar o livro para as escolas com um anexo que aponte as passagens consideradas racistas. O senhor concorda com esse “guia de leitura”? Se for o preço a pagar para garantir que a obra de Lobato continuará circulando, que coloquem a tal nota explicativa. O problema, contudo, é que assim criaríamos um modelo editorial que supõe que o leitor é bobo e incapaz de chegar a suas próprias conclusões. Não sei em que medida isso é bom. Um dos grandes fascínios da literatura é permitir múltiplas leituras.

.....
.....

CARTA ABERTA à Secretaria de Educação Básica – SEB - do Ministério da Educação - MEC, especialmente à COGEAM e às demais pessoas e instituições envolvidas no Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE. *

Sou professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Paraná, tenho atividade docente e produção bibliográfica na área de formação de leitores, dentre as quais alguns materiais didáticos produzidos para o MEC: sou coautora do livro *Histórias e histórias: Guia do usuário do Programa Nacional Biblioteca da Escola (SEB/MEC, 2001)*, do fascículo *Organização e uso da biblioteca escolar e das salas de leitura (MEC, 2005)* e do artigo “Experiências de leitura no contexto escolar”, da coleção *Explorando o Ensino (Literatura: Ensino Fundamental, SEB/MEC, 2010)*. E, também, sou autora e orientadora de pesquisas relevantes sobre a obra de Monteiro Lobato.

Considero da maior importância cultural e social os programas para formação de leitores e de acervos desenvolvidos pelo MEC e só posso esperar que programas desse gênero tenham continuidade, força política e crédito social. Escrevo esta carta aberta porque estou consternada com a representação recentemente apresentada contra o livro *Negrinha*, de Monteiro Lobato, livro que não é racista, nem tampouco sexista. O conto que dá nome ao livro desperta um sentimento de angústia diante do sofrimento vivido por *Negrinha*, e desperta também uma forte reação contra práticas racistas, discriminatórias e violentas. Hoje dei duas entrevistas a esse respeito na mí-dia. Mas as condições de debate na mí-dia não têm sido as mais adequadas para desenvolvimento aprofundado de ideias.

Peço licença para apresentar algumas considerações sobre um pequeno trecho do edital do PNBE (citado pelos senhores Costa Neto, Domingues e Santos Júnior), que a meu ver mereceria uma discussão interna na SEB com vistas

à sua reescrita. E, dada a repercussão na mí-dia, creio que mereceria também uma manifestação pública. O trecho a que me refiro é este, que copio do edital do PNBE-2013: “Não serão selecionadas obras que apresentem moralismos, preconceitos, estereótipos ou discriminação de qualquer ordem.” (Destaquei palavras que pretendo comentar.)

Creio, pela minha experiência docente, especialmente no trabalho com formação de leitores, que a compreensão dessa frase pelos que estão envolvidos com o PNBE é diferente da sua compreensão pelos senhores que assinaram a representação.

Permitam-me dizer o que pode ser óbvio: a construção de personagens em obras ficcionais se faz muitas vezes por meio de estereótipos. Arrisco dizer que toda obra cômica faz isso. E também que boa parte dos personagens secundários, de obras boas e ruins, são construídos por meio de estereótipos, porque são personagens planos, sem densidade, apresentados por meio de poucos elementos, de traços rápidos. Estereótipos não são um elemento negativo de uma obra. São, sim, elemento constitutivo da produção ficcional. Creio que os responsáveis pelo PNBE também pensem assim e por isso tenham selecionado (nas diferentes edições do programa) obras que contêm, sim, personagens construídas por meio de estereótipos, sem que isso signifique demérito para as obras, nem tampouco flexibilidade no julgamento da equipe que seleciona os livros.

Além disso, obras literárias de alta qualidade podem apresentar (e em geral apresentam) moralismos, preconceito e discriminação. As obras são filhas de seu tempo, são impregnadas pela ideologia e pelos valores da época em que foram escritas, e carregam esses valores de maneira explícita e implícita. Apresentam moralismos, preconceito e discriminação sob a forma de ideias de personagens, sobretudo. Apresentam, isto é, trazem em seu corpo, ideias diferentes das de hoje. Discutem essas ideias, solicitam do leitor um posicionamento, instigam o leitor a refletir. E refletir é o papel principal do leitor diante de um texto.

Apresentar uma ideologia não significa (na minha compreensão do texto do edital) plantá-la como verdade nas mentes dos seus leitores. Significa trazê-la no texto, impregnada no modo como o narrador ou as personagens concebem o mundo, e, dessa forma, trazê-la para discussão, debate, reflexão. Uma obra apresenta moralismos quando coloca no diálogo entre personagens uma discussão sobre valores morais, ou religiosos, ou políticos. Suponho que o MEC não tenha sugerido que não fossem adotadas obras que discutissem ideias, mesmo quando elas fossem contrárias ao senso comum e aos valores de hoje. Suponho, isso sim, que o edital tenha tentado excluir do programa obras que fossem dogmáticas, que tivessem como primeiro objetivo a expressão de valores (morais, políticos, religiosos) e que apresentassem discussão desses valores por meio de uma trama ficcional ou de uma estrutura poética insustentáveis.

Não me parece que tenha sido essa a compreensão

dos senhores que assinaram a representação. Além de outros problemas de leitura (que me fazem supor que eles não tenham lido o conto inteiro, mas tenham pinçado pedaços que, fora do texto, podem parecer adequados aos seus propósitos), eles julgam que o conto “Negrinha” apresenta preconceito, e isso só é verdade no seguinte sentido: a personagem Inácia é preconceituosa. Para além disso, o conto não dissemina preconceito. Pelo contrário: ele denuncia a discriminação, os maus-tratos, a violência, a conivência da igreja, e luta contra tudo isso, ao estimular a identificação e o envolvimento emocional do leitor com a personagem principal. Inácia, por sua vez, é ridicularizada, clara e ostensivamente. Suas atitudes e suas ideias são desmerecidas também de maneira clara e ostensiva.

Uma certa leitura do edital (a que fizeram os reclamantes) entende que não poderia ser adquirida pelo programa nenhuma obra que contivesse qualquer moralismo ou estereótipo, ou que apresentasse, em sua trama, qualquer ideia racista, preconceituosa, qualquer violência, qualquer forma de discriminação. Por essa leitura, estariam excluídos todos os contos de fadas, por serem violentos e moralistas. Todas as fábulas: moralistas e dogmáticas. As cartas de viajantes e sermões de jesuítas: dogmáticos, política e religiosamente interessados. Estariam excluídas todas as obras realistas, porque, para denunciarem problemas sociais (dentre os quais diferentes formas de discriminação), elas antes os apresentam. Estariam excluídas todas as obras românticas, por apresentarem “estereótipos saturados” (outro termo do mesmo edital). Gregório de Matos, José de Alencar, Visconde de Taunay, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Euclides da Cunha, Lima Barreto, Mário de Andrade, Erico Veríssimo,

Antônio Callado, Rubem Fonseca, a lista é extensa. Não sei se ficaria um autor em pé.

Infelizmente, parece-me que a compreensão estrita do edital permite essa interpretação.

Sugiro, por isso, que esse trecho seja reescrito, não para dirigir o trabalho dos especialistas, não para mudar as diretrizes do MEC, mas a fim de evitar ações que, fundadas numa compreensão equivocada dos efeitos da literatura sobre os leitores, ajam como censoras do que pode ou não pode ser integrado ao acervo das bibliotecas escolares, pretendendo inclusive substituir-se à avaliação de uma equipe de mais alta qualidade.

Não creio, porém, que com a revisão do edital o MEC acabará com a celeuma, dentre outros motivos porque celeuma dá visibilidade, populariza os nomes das pessoas. Mas creio que tiraria das mãos dos reclamantes um texto legal que eles começaram a usar como argumento para sua ação. Talvez eu esteja dando valor demais para um ato de menor importância. Tomara que seja isso.

Tenho esperança de que nós, professores, teremos liberdade e acervo suficiente para continuarmos a discutir nas escolas e na sociedade obras literárias de qualidade, por meio das quais compreenderemos melhor nossa identidade, nossas contradições, nossos problemas históricos. Compreender problemas é condição para superá-los.

Atenciosamente,
Milena Ribeiro Martins

Curitiba, setembro de 2012.



Reflexões sobre leitura e LIJ – Fascículo nº 44

Parte integrante do
Notícias 12/2012

**Fundação Nacional
do Livro Infantil e
Juvenil - FNLIJ**

Responsável:
Elizabeth D'Angelo
Serra

Fotolitos e impressão:
PwC

● ● ● ● ● ●

* O texto foi escrito inicialmente como Carta Aberta, e enviado ao MEC. Dada a adesão de grande número de pessoas, a carta foi transformada num abaixo-assinado, solicitando o posicionamento do MEC. Para fazer sua adesão acesse: <http://www.peticaopublica.com.br/PeticaoAssinar.aspx?pi=P2012N29583>